

ANDERSON DA SILVA CAVALCANTE

AS TRANSFORMAÇÕES DO SINTOMA NA CULTURA

**Monografia de conclusão do Curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica
Orientador: Pedro Luiz Ribeiro de Santi**

COGEAE - PUC/SP

2017

ANDERSON DA SILVA CAVALCANTE

AS TRANSFORMAÇÕES DO SINTOMA NA CULTURA

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –
PUC/SP, como obtenção de título de especialização
em Psicologia Clínica.**

Prof.º Drº. Pedro Luiz Ribeiro de Santi - Orientador.

COGEAE - PUC/SP

2017

RESUMO

O presente trabalho apresenta o percurso sobre a concepção de cultura na obra freudiana, partindo da noção de sintoma como algo que remete a fantasia, descoberta que Freud teve durante seus estudos sobre as pacientes histéricas de seu tempo. Percurso relevante para apresentar as possíveis mudanças sintomáticas da modernidade, passando pela cultura do narcisismo estudada no início dos anos 70, para a depressão como sintoma da contemporaneidade, mostrando que os sintomas se atualizam e estão atrelados conforme o desenvolvimento cultural em que o sujeito está inserido.

Palavras-chave: Psicanálise, narcisismo, sintoma, contemporaneidade e cultura.

ABSTRACT

The following work presents the course of the conception of culture in the Freudian work, from the notion of symptom as something that refers to fantasy, a discovery Freud made through studies about hysterical patients of his time. A relevant course to present the possible symptomatic changes of modernity, going through the Culture of Narcisism studied in the beginning of the 70's, to depression as a symptom of contemporaneity, showing that the symptoms update and are in accordance with the cultural development in which the subject is inserted.

Keywords: Psychoanalysis, narcisism, symptom, contemporaneity and culture.

AGRADECIMENTOS

Dedico o presente trabalho e a conclusão do curso em memória de meus pais Josefa Correia da Silva Cavalcante e Josué Correia Cavalcante, pela dedicação, paciência, afetividade, empatia e amor que proporcionaram em minha vida.

Agradeço ao meu orientador Pedro Luiz Ribeiro de Santi pela paciência e espaço para a construção de conhecimento proporcionado em cada orientação, no qual possibilitou a realização do presente trabalho.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
METODOLOGIA.....	6
Introdução	7
Capítulo 1- Freud e a Cultura.....	10
O ingressar na cultura.....	10
Capitulo 2- Diferença entre o mundo de Freud e mundo contemporâneo	21
Capitulo 03- Formas de sofrimento	24
Considerações finais.....	29
Referências Bibliográficas.....	30

METODOLOGIA

Levantamento bibliográfico de artigos científicos de trabalhos realizados sobre o tema, através de livros e sites eletrônicos como o Google acadêmico e Scielo, usando as seguintes palavras chaves: Psicanálise, cultura do narcisismo, sintoma, depressão, contemporaneidade.

O período de estudo a ser pesquisado é de 1983 a 2015.

Introdução

Nossa sociedade vem sofrendo grandes transformações em seu tempo, principalmente no campo tecnológico científico, no qual continua contribuindo no domínio da natureza para o conforto e prazer da humanidade. Esses avanços interferem de modo radical nas relações humanas e assim como dizia Freud (1927/2010) as pessoas estão vivendo o presente de modo ingênuo, sem apreciar o seu conteúdo e isso é compreensivo já que estamos numa sociedade que promove o imediatismo nas relações humanas e como afirma Birman (2001), a cultura do narcisismo e do espetáculo, no qual o sujeito encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto, valorizando a descartibilidade e a autoimagem.

Essas problemáticas da contemporaneidade devem ser levadas em consideração já que é a partir desse contexto que é constituído as subjetividades de seus sujeitos inseridos e assim como afirma Birman (2001), o mal-estar sempre se inscreve no campo da subjetividade.

Ao abordarmos a questão da subjetividade, logo estamos remetendo a questão do Eu do sujeito, que segundo Freud (1923/2010), é uma instância psíquica constituída a partir do recalque e mediadora na relação do Id com o Supereu, buscando satisfazer os desejos de um (Id) e atender as exigências de outro (Supereu).

Ao remetermos as instâncias mencionadas acima, logo nos deparamos com uma questão psíquica, o sintoma. Segundo Canavez e Herzog (2007), o sintoma estudado por Freud diverge do discurso fisicalista da ciência moderna. Investigando sobre a histeria, afirma os autores, Freud deparou com sintomas que vão além do discurso científico por não se enquadrarem no modelo pré-estabelecido da época, oferecendo sua escuta conferindo uma verdade ao discurso de seus pacientes, com a concepção de que essa escuta das queixas poderia levar a etiologia do sintoma.

Na busca da etiologia dos sintomas, os autores acima citados informam que Freud partia da noção de trauma, no qual uma experiência traumática vivida na infância e de caráter sexual. Porém conforme seus estudos foram avançando, Freud percebeu que a resistência do consciente jamais poderia ser superada pelo conteúdo inconsciente aí imbricados, sendo assim, as histéricas não teriam como lembrar da suposta cena de sedução.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905/2016)*, Freud percebeu que se tratava de uma fantasia, no qual tinham a função de encobrir a atividade autoerótica da infância, trazendo à tona a existência de uma atividade sexual também na infância, fazendo com que percebesse uma sexualidade infantil que era o elemento que faltava para justificar o abandono da teoria da sedução. Sendo assim, abriu mão da sedução real para dar lugar aquela fantasiada, supondo não uma origem, mas, conforme afirma Canavez e Herzog (2007), uma ideia de começo organizado pela fantasia.

Em seu texto, *A moral sexual civilizada e o nervosismo moderno (1908/2015)*, Freud chama atenção para o grau de repressões impostas pela cultura e as consequências de submeter a tais restrições. O autor mostra que na modernidade, o mal-estar estava em torno das restrições libidinais, fazendo com que os sujeitos adiassem ou sublimassem seus desejos em prol da cultura.

A questão acima é retomado por Freud em *O mal-estar na civilização (1930/2010)*, no qual mostra que a civilização produz um mal-estar nos indivíduos com uma rivalidade entre as exigências pulsionais e a cultura, no qual retoma a questão da restrição da libido já mencionada. Contudo, o autor diz que a civilização tem como objetivo evitar o sofrimento e oferecer segurança, tendo o prazer em segundo plano. Porém o autor informa que esse objetivo da cultura são dignos de questionamentos, pois o controle da natureza até então atingidos, por exemplo, evidenciam o quanto a cultura não consegue conter as catástrofes naturais.

Freud (1930/2010), traz a questão da felicidade homogênea proposta pela cultura e a religião, informando que não existe tal ilusão e que o homem se torna neurótico porque tem dificuldade de suportar a medida de privação imposta pelo social, em prol de seus ideais culturais e se essas exigências fossem abolidas ou reduzidas, significaria um retorno a possibilidade de felicidade já que não teria constantes repressões libidinais.

Freud (1930/2010), mostrou que na modernidade o vilão tido como foco era o sentimento de culpa e o Supereu como instância repressora e representante da consciência moral constituída na fase edípica do indivíduo.

Com os estudos apresentados por Lash em sua obra intitulada *A Cultura do Narcisismo (1983)*, criou o conceito de cultura do narcisismo, na década de 70, mostrando que a questão apontada acima, estão ausentes nesse final de século. O

autor informa que o prazer imediato é o foco, em que a cultura propõe um individualismo moderno, tendo uma autovalorização do Eu.

Lash (1983), mostra que esses valores produzem ansiedade no sujeito, pois promove um sentimento de descontinuidade histórica, de alguém que não tem interesse pelo passado e nem pelo futuro, sendo relevante apenas o aqui e agora. Essa descrença social de futuro por conta de não controle da natureza (tempestades, catástrofes, presságios etc.), ou também pelas guerras vivenciadas naquele século.

Santi (2011), informa que o conceito de narcisismo em psicanálise refere-se a ausência de renúncias a prazeres imediatos, mostrando que trata-se de uma crise do simbólico e de um mecanismo de defesa do sujeito com relação ao mundo externo e invasivo promotor de impotência.

Em vez do imperativo Super-egóico, afirma Santi (2008), que nos impunha a renúncia ao prazer, teríamos hoje um outro imperativo, o do gozo, sendo esse inicialmente como uma possibilidade e posteriormente um dever.

Lash (1983), diz que essa desconsideração das pessoas pelo sujeito narcísico, considerando-os apenas como sujeitos de aprovação e admiração, contribui para o sentimento de vazio interior.

A questão também é trazida por Santi (2011), no qual aponta sobre a mudança da demanda dos pacientes da clínica na época de Freud para a nossa, no qual sentimento de vazio, tédio e cansaço são as queixas frequentes e que esses pacientes solicitam mais acolhimento do que interpretação.

Lazzarini e Viana (2010), também reforçam essa observação, informando que a questão das queixas aparecem na ordem do desamparo. Informam que os sintomas clássicos da neurose que correspondia a uma sociedade repressora e autoritária da modernidade, passou a dar lugar na contemporaneidade as desordens narcísicas, sofrendo de perturbações vagas, com queixas de incapacidade de sentir as coisas.

Essas questões também são trabalhadas por Kehl (2015), ao abordar sobre as depressões da atualidade, no qual refere-se a expressão do sintoma social da contemporaneidade aos que não estão adaptados ao século da velocidade, exibicionismo e voracidade.

A autora traz o recurso do tratamento farmacológico como único modo de enfrentamento da dor de viver e do vazio subjetivo vivido pelos sujeitos depressivos, sendo esse recurso uma proposta pela cultura para readaptação do sujeito diante das exigências sociais atuais.

O presente trabalho busca percorrer os estudos de Freud referente a cultura de seu tempo, buscando compreender os processos de subjetivação de sua época para a atualidade, analisando as mudanças ocorridas no final do século XX pela cultura do narcisismo na modernidade, assim como as mudanças surgidas na contemporaneidade, mostrando que o sintoma se altera conforme as mudanças culturais de cada período.

No capítulo 1 vamos apresentar a teoria da cultura em Freud, assim como as formas de sofrimento psíquico e a sua relação com a cultura.

No capítulo 2 vamos apresentar autores contemporâneos que fazem uma ponte entre o mal-estar na civilização e a cultura do narcisismo, observando uma possível falha na estruturação edípica, fazendo com que os sujeitos permaneçam no campo anterior, do narcisismo.

No capítulo 3 será discutido sobre as formas de sofrimento psíquico que permeiam na cultura do narcisismo que contribuíram para o sentimento de vazio vivido pelo sujeito depressivo da contemporaneidade.

Capítulo 1- Freud e a Cultura

O presente capítulo visa apresentar os textos de Freud referente à sua forma de compreender a relação entre o indivíduo e a cultura, acompanhando a sua trajetória teórica referente ao tema. Com o intuito de observar as formas de sofrimento psíquico e a sua relação com a cultura.

Vivemos numa sociedade fruto de um processo histórico de constantes transformações, no qual ao nascermos nos deparamo-nos com uma cultura já pronta, cabendo a nós ingressarmos progressivamente, pois assim como afirma Leontiev (2004), somos candidatos a humanidade através de um processo dialético. Assim como afirma Freud (1927/2010), a cultura é uma herança de todos os conhecimentos adquiridos pela humanidade com o objetivo de controlar as forças da natureza, extraindo os bens possíveis para atender às necessidades humanas.

O ingressar na cultura

Antes de abordarmos cronologicamente os estudos de Freud referente a cultura, torna-se relevante iniciarmos com a sua pesquisa referente ao conceito de sintoma, no qual afirma Canaves e Herzog (2007), diverge do discurso fisicalista, pois para a ciência moderna importava uma explicação racional e visível para a patologia.

Ao investigar sobre a histeria, afirma Canavez e Herzog (2007), Freud deparou com sintomas que vão além do discurso científico por não se enquadrarem no modelo pré-estabelecido da época. Por não se enquadrar nesse modelo, Freud oferece sua escuta, passando a conferir uma verdade ao discurso de seus pacientes, entendendo que essa escuta das queixas poderia levar a etiologia do sintoma.

No que se referem à origem dos sintomas, os autores acima citados informam que Freud tentou estabelecer uma possível origem do sintoma a partir da noção de trauma, no qual uma experiência traumática vivida passivamente na infância e de caráter sexual. O que estaria em jogo era uma cena de sedução real praticada por um adulto, no caso o pai. Porém em 21 de setembro de 1897, Freud escreve uma carta dirigida à Fliess dizendo; "não acredito mais em minha neurótica" (Freud 1897, pag. 265). No qual estava se referindo a sua teoria das neuroses, sobretudo a origem traumática a partir de uma experiência sexual vivida de forma passiva e que a resistência do consciente jamais poderia ser superada pelo conteúdo inconsciente aí imbricados, sendo assim, as históricas não teriam como lembrar da suposta cena de sedução.

A questão que estava implicada, conforme mostra Canavez e Herzog (2007), era que estavam presentes as cenas de sedução nas queixas das pacientes, pois relatavam que foram objetos de uma sedução real, embora isso, de fato não tivesse acontecido. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905/2016)*, Freud percebeu que se tratava de uma fantasia, no qual tinham a função de encobrir a atividade auto erótica da infância, trazendo à tona a existência de uma atividade sexual também na infância, fazendo com que percebesse uma sexualidade infantil que era o elemento que faltava para justificar o abandono da teoria da sedução. Sendo assim, abriu mão da sedução real para dar lugar aquela fantasiada, supondo não uma origem, mas, conforme afirma os autores, uma ideia de começo organizado pela fantasia.

Contudo, a teoria da sedução foi revista, principalmente por levar em consideração à dinâmica inconsciente que estava propondo em sua análise. A

descoberta da primeira tópica veio através de sua obra *A interpretação dos sonhos* (1900/2016), no qual Freud no capítulo VII apresenta o aparelho psíquico em sistemas consciente, pré-consciente e inconsciente. O primeiro trata-se de um sistema perceptivo, no qual encontra-se na superfície do aparelho psíquico, recebendo ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as provenientes do interior. O segundo, pré-consciente como um sistema que qualifica as operações e conteúdos do inconsciente e comanda o acesso à consciência. Terceiro, o inconsciente como um sistema que não têm acesso direto à consciência, exceto pelo pré-consciente, sendo uma passagem que obriga o seu conteúdo excitatório a sofrer alterações.

A descoberta do aparelho psíquico possibilitou Freud (1905/2016), através da análise de adultos, identificar uma sexualidade reprimida vivenciada na infância. Essa repressão é ocorrida por uma amnésia infantil nos primeiros anos (até os seis ou oito anos de idade). O autor diz que essas impressões esquecidas deixaram traços em nossa vida psíquica, e se tornaram determinantes para todo o nosso desenvolvimento posterior e que essas inibições sexuais durante o período de latência formam energias psíquicas que posteriormente se colocarão como obstáculo no caminho da pulsão sexual e que estreitarão seu curso, através do nojo, sentimento de vergonha, ideias morais e estéticos.

Essas construções significativas para a cultura e a normalidade posteriores dos indivíduos só são possíveis como afirma Freud (1905/2016), à custa dos impulsos sexuais infantis que não interromperam no período de latência acima mencionado, e que cuja energia, de forma integral ou parcial é desviada da função sexual e dirigida para outros fins, sendo esse um processo que chamou de sublimação. Processo que adquire componentes para todas as realizações culturais e que esse mesmo processo ocorre no desenvolvimento do indivíduo, no qual teria seu começo no período de latência sexual da infância.

Freud em seu texto, *A moral sexual civilizada e o nervosismo moderno* (1908/2015), mostra que para ingressarmos na cultura o sujeito tem um custo, a restrição de sua libido. O autor no decorrer de toda a sua obra, mostrou as dificuldades em relação às exigências da cultura que o sujeito precisa se submeter para fazer parte da mesma. Sob essa espécie de regime moral sexual, o autor aponta a necessidade de reflexão em relação à saúde e a eficiência dos indivíduos, no qual estão sujeito a danos.

Por se tratar de um processo histórico, Freud (1908/2015) afirma que no decorrer desse processo cultural, cresceram as exigências impostas a eficiência do indivíduo e simultaneamente em todas as classes sociais aumentaram as necessidades individuais e a ânsia de prazeres materiais, o descontentamento e a cobiça exacerbada, intensificam-se na esfera social, sendo tudo pressa e agitação. Nas palavras do autor;

É plausível supor, sob o domínio de uma moral sexual cultural, a saúde e a capacidade vital dos indivíduos estariam sujeitas a danos, e que essa injúria das pessoas, causadas pelos sacrifícios a elas impostos, alcançaria um grau tão elevado que, por essa via indireta, também o objetivo cultural final estaria comprometido (Freud 1908/2015, p. 360).

A questão imbricada no âmbito cultural causa, assim como afirma Birman (2001), um mal-estar que sempre se inscreve no campo da subjetividade, no qual o recalque da sexualidade torna-se necessário, desviando a energia para finalidades sociais.

A questão da sublimação fica evidente quando remetemos a restrição da libido imposta pela cultura, através, como afirma Freud (1908/2015) de uma moral sexual cultural que coloca limites e impõe a necessidade de sacrifícios nos indivíduos. Essa questão é desenvolvida quando o autor aborda sobre o nervosismo moderno que difundiu na sociedade de sua época em que a rivalidade entre a constituição e exigência cultural pode ser observada, no qual os indivíduos questionavam o seu nervosismo porque queriam ser mais do que poderiam ser pela origem familiar em que as pessoas que chegavam as cidades e obtiveram conquistas em um curto espaço de tempo, elevando-se a um alto nível cultural. Portanto o autor relacionava o nervosismo crescente à moderna vida civilizada.

Considerando essas questões, Freud (1908/2015) afirma que a civilização está baseada no recalque dos instintos, ao dizer;

Cada indivíduo renunciou a um que do que possuía, a plenitude de seu poder, as tendências agressivas e vingadoras de sua personalidade; dessas contribuições originou-se o patrimônio cultural, comum de bens materiais e ideais. Além das necessidades da vida, foram provavelmente os sentimentos ligados à família, derivados do erotismo, que levaram os indivíduos a essa renúncia. Ela foi progressiva no curso da evolução cultural; seus avanços graduais foram sancionados pela religião; a parcela de satisfação instintual a que cada um renunciará foi oferecida a divindade como sacrifício; o bem comum assim adquirido foi declarado “sagrado” (Freud 1908/2015, p. 368).

Com esse recalque instintual surgem os fenômenos substitutivos, no qual Freud (1908) descreve como nervosismo ou neuróticos e afirma;

Os neuróticos são aquele tipo de pessoas que, devido a uma organização recalcitrante, conseguem, sob o influxo das exigências culturais, uma repressão dos instintos apenas aparente e cada vez menos bem-sucedida, e que, por isso, mantém sua colaboração nas obras da cultura somente com enorme dispêndio de forças, com empobrecimento interior, ou às vezes tem de suspende-la por estarem doentes (Freud 1908/2015, p. 373).

Com isso o autor aponta sobre o limite que cada pessoa possui e que sua constituição psíquica não acompanha as exigências da civilização, ou seja, se as pessoas que querem ser mais nobres do que sua constituição permite acaba sucumbindo a neurose. Diante desse conflito afirma que a sociedade se torna injusta por estabelecer um padrão que exija de todas as pessoas a mesma condução da vida sexual, que algumas por conta da sua organização conseguem sem esforço, mas outras impõe consideráveis sacrifícios psíquicos.

Algumas exigências culturais, afirma Freud (1908/2015), como a consideração de que toda atividade sexual considerada perversa é proibida e que só é permitida a relação sexual dita normal, o casamento monogâmico e a abstinência sexual até o matrimônio, contribui para que as pessoas sejam impelidas ao nervosismo. E dominar um impulso intenso afirma o autor, como o da pulsão sexual por outra via que não a da satisfação é uma tarefa que talvez solicite todas as forças do indivíduo, pois considera que o domínio pela sublimação, que busca desviar as forças pulsionais da meta sexual para metas culturais elevadas, são conseguido apenas pela minoria e por pouco tempo. E o autor diz em suas próprias palavras;

Quem adoeceria com restrições sexuais mais brandas adoece antes e mais gravemente com as exigências de nossa atual moral sexual civilizada, pois não conhecemos melhor garantia contra a ameaça ao empenho sexual normal, em virtude de predisposições defeituosas e distúrbios do desenvolvimento, do que a satisfação sexual mesma. Quanto mais alguém é predisposto a neurose, menos tolera a abstinência... Quem é capaz de penetrar nos determinantes da doença neurótica, logo adquire a convicção de que o seu aumento em nossa sociedade vem do crescimento das restrições sexuais (Freud 1908/2015, p. 376).

Contudo, podemos observar que o autor buscou no decorrer de suas obras, uma possível etiologia referente a restrição da libido imposta pela cultura, podendo ser observado em seu texto *Totem e Tabu* (1912-1913/2012), no qual Freud afirma que as exigências da cultura são conquistas graduais de um processo histórico,

analisando a questão do horror ao incesto dos povos primitivos, que constitui um traço especificamente infantil, mostra que tem a mesma relação com a vida psíquica dos neuróticos, pois a primeira escolha sexual do sujeito é incestuosa, tendo o neurótico não se libertando das condições infantis da psicosexualidade ou reverteu-se a elas, mostrando que em seu inconsciente as fixações infantis incestuosas têm um papel determinante.

O autor busca através do estudo dos povos uma relação com as leis, deveres, e obrigações organizadas pelos mesmos e controlada pelo totem e pelo tabu. Por tabu o autor traz dois significados; de santo consagrado e de algo perigoso, proibido ou impuro. Não tem relação com mandamento de um Deus, distingue-se das proibições morais e suas próprias proibições têm origem desconhecidas, sendo obscuras para nós e evidentes para aqueles sob seu domínio. É atribuído um poder mágico, inerente aos sujeitos, sendo possível ser transmitidos por eles através de objetos inanimados.

No decorrer do texto, Freud (1912-1913/2012), informa que a fonte do tabu deve ser buscada nos mais primitivo e mais duradouros instintos humanos, tendo sua origem no temor da ação dos poderes demoníacos. Contudo, o tabu proíbe irritar esse poder e que pouco a pouco torna-se um poder em si mesmo, independente do demonismo, tornando-se a coerção de costumes e tradições e da lei. Com isso o autor aponta que o tabu é uma proibição antiga, imposta de fora (por uma autoridade) e voltada contra os desejos mais intensos do ser humano, sendo que a vontade de transgredi-lo persiste no inconsciente.

E podemos, assim como aponta o autor, compreender o tabu como a natureza e a gênese da consciência moral.

Com relação ao totem, Freud (1912-1913/2012), informa que o mesmo tem o papel de uma religião, com mandamento rigoroso e restritivo, sendo esse uma expressão do aspecto sexual do totemismo. O autor mostra que o totem pode ser um animal, no qual os povos consideravam sagrado, impedindo de matá-lo ou comer uma parte de seu corpo, tendo uma concepção de parentesco com o animal totêmico. O totem tem uma função de proteger os membros do clã, acreditando que há uma relação íntima e especial entre todo o membro da tribo com o animal ou outro objeto totêmico.

No decorrer do texto Freud (1912-1913/2012) informa que pode-se introduzir o pai como animal totêmico, um ancestral, ao dizer:

A psicanálise nos revelou que o animal totêmico é de fato o sucedâneo do pai, e com isso harmoniza-se a contradição de que normalmente é proibido matá-lo, mas o assassinio torna-se ocasião de festa, de que o animal é morto e, no entanto pranteado. A postura efetiva ambivalente, que ainda hoje caracteriza o complexo paterno em nossas crianças e frequentemente prossegue na vida adulta, se estenderia também ao sucedâneo do pai, o animal totêmico (Freud 1912-1913/2012, p. 215,216).

Com isso, o autor busca na refeição totêmica o surgimento das restrições morais e religiosas, dizendo:

Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente talvez um avanço cultural, o manejo de uma nova arma, tenha lhes dado um sentimento de superioridade... O violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminosa, com o qual teve início tantas coisas: as organizações sociais, as restrições morais, a religião (Freud 1912-1913/2012, p. 216,217).

É possível observar, conforme afirma o autor, que depois que os filhos eliminaram o pai, satisfizeram seu ódio e concretizaram o desejo de identificação com o mesmo, os impulsos afetuosos até então vinculados tinham de impor-se, ocorrendo em forma de arrependimento, no qual surgiu uma consciência de culpa. Portanto, o que antes o pai impedirá com sua existência os filhos proibiram a si mesmo, na situação psíquica de uma obediência posterior. Com isso desistem do ato, declarando a proibição de assinar o substituto do pai, o totem. É possível notar a importância do complexo de Édipo no decorrer da história da humanidade, e nas palavras do autor:

No complexo de Édipo reúnem-se os começos da religião, moralidade, sociedade e arte, em plena concordância com a verificação psicanalítica de que esse complexo forma o núcleo de todas as neuroses, até onde elas foram acessíveis ao nosso entendimento (Freud 1912-1913/2012, p. 238).

Contudo, Freud (1912-1913/2012) afirma que as primeiras prescrições e restrições morais das primeiras sociedades foram por nós concebidas como reações a um ato que concebeu aos seus autores a noção de crime, no qual se arrependeram desse ato e decidiram que isso não poderia se repetir, pois sua execução não deveria trazer vantagem. Essa consciência de culpa, aponta o autor, não desapareceu entre nós. Nós a vemos atuando nos neuróticos, de forma associal, com o intuito de produzir

novos preceitos morais, continuadas restrições como penitência diante os malfeitos cometidos, assim como advertência para os outros que cometerem.

É importante salientar, assim como afirma o autor, que na base da consciência de culpa dos neuróticos se acham apenas realidades psíquicas e não fatos, sendo esta uma característica da neurose em colocar a realidade psíquica acima da factual, reagindo a pensamentos com seriedade e rigidez.

Diante desse percurso na obra do autor, podemos perceber a relevância do complexo de Édipo ao tema proposto, pois assim como afirma Laplanche e Pontalis (1987), ele desempenha um papel primordial na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano, no qual definirá, através da escolha do sujeito nessa passagem se o mesmo terá uma estrutura neurótica, psicótica ou perversa. Sendo, que na primeira, afirma Santi (2011), o complexo de Édipo levou a castração simbólica, renunciando o objeto primário de amor e a inserção na cultura, sendo este o campo em que se instaura o desejo. No segundo existe uma falha no processo e a castração simplesmente não opera, fazendo com que a criança fique presa no narcisismo e terá dificuldades em estabelecer e de forma precária, relações com os objetos do mundo externo, não sendo possível falar de desejo nesse campo, pois não se instala a falta do objeto primário. No terceiro a castração teria agido de forma eficaz para que não houvesse falta de contato com a realidade, mas em alguns aspectos da relação com o mundo ela não age, mantendo um acesso a satisfação imediata que não respeita o tempo, o outro, a lei, etc.

Essa questão trazida por Santi (2011) mostra que a cultura contemporânea parece nos impor um tipo de gozo imediato, sem as condições do desejo e obediência da lei do neurótico dito "normal". A questão do Édipo remete, como afirma Laplanche e Pontalis (1987), uma organização de desejos de amor e hostilidade sentida pela criança em relação aos pais. Freud (1987) escreve a Fliess que, no decorrer de sua autoanálise, reconheceu em si mesmo o amor pela mãe e um ciúme em conflito em relação ao pai, tendo o complexo de Édipo como algo universal e independente de relação conjugal e da cultura.

No texto *A dissolução do complexo de Édipo (1924/2010)*, Freud afirma que o complexo de Édipo tem seu início na fase fálica no qual é vivido por uma criança de 3 a 5 anos, no qual busca sucumbir a ameaça de castração vivida pelo sujeito em relação ao seu pênis. Essa fase edipiana, através das intervenções parentais que norteará renúncia a mãe e possibilidades de novas escolhas objetais, torna-se

relevante para a constituição do Supereu, pois assim como afirma o autor, o Supereu é o herdeiro do complexo de Édipo, constituindo a moralidade e a relação do sujeito com os outros.

Tendo em vista a passagem do sujeito no Édipo, percebemos que o sujeito busca através de caminhos sublimatórios, objetos que possam suprir essa falta do objeto renunciado (mãe-seio materno) e podemos observar que a cultura em geral fornece objetos variados para satisfação do sujeito. Como afirma Santi (2011), no fim do Édipo há uma renúncia ao narcisismo e o estabelecimento das ideias do Eu, no qual o sujeito reconhece a falta passando a sonhar com a restituição da integridade narcísica através de objetos presentes na cultura. E essa cultura do narcisismo como afirma o autor, faz com que se possa voltar a crença na disponibilidade de prazer instantâneo e onipotente.

Com a relação à cultura, Freud em seu texto, *Psicologias das massas e análise do eu* (1921/2011), amplia seus estudos referente à massa em geral, afirmando que, os indivíduos da massa, ao se reunirem, permitem que todas as inibições até então geradas se desmoronam, fazendo emergir as pulsões destrutivas e impiedosas que dominam no ser humano, como vestígios primários do tempo, no qual são libertados para livre satisfação instintiva. Tendo um ideal como primordial no movimento da massa, o autor afirma que sob influência da sugestão os indivíduos se submetem consideráveis provas de renúncia e desinteresse de devoção a um ideal.

O autor nesse trabalho, informa que as massas buscam ilusões as quais não se podem renunciar, sendo essa predominância da vida numa fantasia e uma ilusão sustentada pelo desejo não realizado uma característica significativa na neurose, pois nessa o que vale também é a realidade psíquica.

Freud (1921/2011), traz a questão da inibição coletiva da capacidade intelectual e a da elevação da afetividade na massa como consequências da alma coletiva, mas também mostra como algo capaz de criar instrumentos relevantes para si mesmos como a linguagem, cantos, folclore etc. Com relação a afetividade, o autor informa que a crítica do sujeito individual silencia, por deixar-se levar por esse afeto, pois agindo assim aumenta a excitação dos outros que agiram sobre esse sujeito, elevando a carga afetiva por impropriedade recíproca, agindo de forma coercitiva, obrigando a fazer como os outros, permanecendo de acordo com os demais.

Nesse trabalho Freud (1921/2011), apresenta algumas questões que tornam-se primordiais durante todo o texto; a influência da sugestão, libido e o prestígio do

líder. A primeira como algo em que o indivíduo vivencia na massa, no qual provoca uma mudança de subjetividade favorecendo a imitação e o contágio de seu grupo como fruto das relações afetivas envolvidas na massa, fazendo com que o sujeito suprima suas inibições instintivas. A segunda como uma energia quantitativa das pulsões relacionadas pela palavra amor, essa entendida como amor entre os sexos, a si mesmo, a amizade e amor aos seres humanos em geral, constituindo a essência da alma coletiva, pois nas palavras do autor;

A massa se mantém unida graças à algum poder... Se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros a sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, então, “por amor a eles” (Freud 1921/2011, p. 45).

O terceiro, o prestígio do líder, Freud (1921/2011), analisando os grupos artificiais, particularmente a igreja e o exército observa que os líderes desses grupos, Cristo e General são vistos pelos demais dos grupos como chefes supremos, como um substituto paterno do pai totêmico.

É importante salientar que essas relações afetivas só ocorrem, segundo o autor, por conta das ligações libidinais, umas das características da massa, no qual limita o narcisismo, fazendo com que o amor a si encontre limite apenas no amor ao outro, nos objetos.

Freud (1921/2011), mostra que essas ligações libidinais de nova espécie são derivadas das pulsões amorosas que encontram-se desviadas de suas metas originais, graças a sublimação.

Com relação ao líder, podemos perceber como aponta o autor, que ela é possível graças a identificação, pois o Eu é constituído por identificação, um papel de configuração do próprio Eu à semelhança daquele tomado por modelo, inicialmente o pai e posteriormente o líder. Essa identificação diz o autor;

Desempenha um determinado papel na pré-história do complexo de Édipo. O garoto revela um interesse pelo pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente: ele toma o pai como seu ideal (Freud, 1921/2011, p. 60).

Sendo assim, o autor mostra que as ligações recíprocas dos indivíduos da massa é fruto dessa identificação, através de algo afetivo relevante em comum, sendo esse algo em comum o tipo de ligação com o líder. Com isso informa que o indivíduo

renúncia ao seu ideal do Eu e troca pelo ideal da massa corporificado no líder, contribuindo para a ausência de autonomia e iniciativa de cada indivíduo na massa.

Essas restrições ou sacrifícios são retomados por Freud em *O mal-estar na civilização* (1930/2010), no qual mostra que a civilização produz um mal-estar nos indivíduos com uma rivalidade entre as exigências pulsionais e a cultura, no qual retoma a questão da restrição da libido já mencionada.

O autor em sua obra diz que a civilização tem a tarefa de evitar o sofrimento e oferecer segurança, fazendo com que o prazer fique em segundo plano. Por afirmar que a satisfação pulsional é episódica (parcial) a possibilidade de felicidade torna-se restrita já que são subjetivas.

Com relação ao sofrimento humano, Freud (1930/2010) diz que provém de três fatores; do corpo, por conta da deterioração em que é submetida pelo tempo, do mundo externo, no qual não temos o controle da natureza como gostaríamos e o viver em sociedade, no qual sacrifícios e restrições são impostos ao indivíduo para conviver em grupo. Ao observar essas questões diz;

Descobriu-se que o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe, em prol de seus ideais culturais, e conclui-se então que, se estas exigências fossem abolidas ou bem atenuadas, isto significaria um retorno à possibilidades de felicidade (Freud 1930/2010, p. 45).

Diante das questões expostas acima afirma Freud (1930/2010), o homem primitivo estava numa situação melhor por não conhecer as restrições libidinais, porém a segurança para desfrutar dessa felicidade era mínima, sendo assim, o homem civilizado trocou a sua felicidade pela sua segurança. Porém é importante fazer uma ressalva já que como afirma o autor, somente o chefe da família primitiva gozava dessa liberdade libidinal, os outros vivam numa submissão.

Podemos observar que essas restrições e sacrifícios como afirma Freud (1930/2010), são impostas como contenção do instinto primitivo de agressividade que existe em todo o ser humano, nesse momento cita o mandamento “Ama o teu próximo como a ti mesmo”, mostrando que o mesmo vai contra a natureza original do homem, no qual a história da humanidade é uma prova dos atos de exploração, abusos, humilhações, tortura e morte entre os indivíduos desde as guerras bíblicas e as vivenciadas no mundo moderno.

Com isso o autor mostra que a civilização é continuamente ameaçada de desintegração, por conta dessa inclinação para a agressividade, no qual a civilização investe grande energia para restringir esses instintos, como a lei que busca regular as formas de agressão.

No final de seu texto, Freud (1930/2010), questiona o poder de controle da natureza até então atingidos, perguntando se tal evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas pela vida em comum pelos instintos de agressão e auto destruição, dizendo;

Atualmente os seres humanos atingiram um tal controle das forças da natureza, que não lhes é difícil recorrerem a elas para se exterminarem até o último homem. Eles sabem disso; daí, em boa parte, o seu atual desassossego, sua infelicidade, seu medo (Freud 1930/2010, p. 122).

Podemos observar uma visão quase profética do autor com relação ao futuro seguimento da civilização, como a segunda guerra mundial e o movimento nazista. E a vida em civilização é similar à do psiquismo, no qual Freud (1930/2010) diz que a pulsão de vida e pulsão de morte convivem numa disputa constante de domínio entre si.

Capítulo 2- Diferença entre o mundo de Freud e mundo contemporâneo

Como pudemos observar no capítulo anterior, Freud (1930/2010), mostrou que na Modernidade o vilão tido como foco era o sentimento de culpa e o Supereu como instância repressora e representante da consciência moral constituída na fase edípica do indivíduo.

Conforme aponta Santi (2008), os valores intitulados pela modernidade produziam sentimento de culpa como expressão de mal-estar, que consistia numa repressiva renúncia ao prazer imediato, porém aponta o autor, que na atualidade essas questões estão ausentes.

Em sua obra intitulada *Desejo e Adição nas Relações de Consumo* (2011) Santi, traz o conceito psicanalítico de narcisismo como expressão da ausência de renúncias a prazeres imediatos. Informa que trata-se de uma crise do simbólico e de um mecanismo de defesa do sujeito com relação ao mundo externo e invasivo promotor de impotência.

O autor relaciona o conceito de narcisismo com a fase edípica, na qual a criança se fecha narcisicamente no primeiro ano de vida numa relação simbiótica com a mãe. Dessa forma a criança tem uma fantasia de onipotência, que durante o desenvolvimento subjetivo a criança se frustra com os limites do mundo externo que está submetida fazendo se dar conta de uma descontinuidade entre ela e a mãe. E somente no final do Édipo, conforme mostra o autor, que há uma renúncia narcísica e um estabelecimento de ideais de eu, momento em que o sujeito evidencia-se um ser faltante, porém passando a sonhar no decorrer de sua vida com a restituição da integridade narcísica, através de objetos oferecidos pela cultura. Nas palavras do autor:

A cultura do narcisismo faz com que se possa voltar a crer na disponibilidade de prazer instantâneo e onipotente; ao mesmo tempo, os representantes culturais da lei se mostram fracos, sem consistência para oferecer perspectivas de encontro de objetos de prazer no futuro em nome dos quais valha a pena renunciar no presente (Santi 2011, p. 11).

Num outro momento, Santi (2008), diz que a sociedade, pela falta de renúncia e sentimento de culpa passa a produzir ansiedade, sendo esta uma característica de um sujeito sem interesse na posteridade e nem no passado.

Esse sentimento de descontinuidade histórica também foi trabalhado por Lasch (1983), em que a vivência momentânea é uma paixão predominante;

Viver para si, não para os que virão a seguir, ou para a posteridade. Estamos rapidamente perdendo o sentido de descontinuidade histórica, o senso de pertencermos a uma sucessão de gerações que se originam no passado e que se prolongarão no futuro... Uma vez que a “sociedade não tem futuro, faz sentido vivermos somente para o momento, fixarmos nossos olhos em nossos próprios “desempenho particulares”, tornamo-nos peritos em nossa própria decadência, cultivarmos uma “auto-atenção transcendental”. (Lash 1983, p. 25,26).

Em vez do imperativo super-egóico, afirma Santi (2008) que nos impunha a renúncia ao prazer, teríamos hoje um outro imperativo, o do gozo, sendo esse inicialmente como uma possibilidade e posteriormente um dever. Portanto, afirma o autor, que o sujeito que não goza é considerado enfermo.

Santi (2008), traz a questão do consumo como proposta da contemporaneidade para obtenção do gozo e do prazer imediato sem renúncias, como uma busca da

reintegração narcísica, conforme é apresentado pela propaganda, como possibilidade de atingir a felicidade sem renunciar, apenas pagar.

O autor diz que o consumo vivido na modernidade diverge do contemporâneo, pois no primeiro o consumo estava ligado às necessidades, direcionando a satisfação de desejos de um sujeito rico em suas fantasias intersubjetivas, já no segundo, o consumo estaria reduzido a uma compulsividade, conforme o modelo dos vícios.

Por desejo, o autor diz que remete-se a uma falta que vai em direção a um objeto que supostamente pode ser capaz de suprir, promovendo uma descarga de um excesso de excitação vivida como prazer, sendo sua busca o principal movimento do funcionamento mental, no qual a busca pelo outro torna-se primordial. Já o conceito de adição, o autor mostra que refere-se a um ato compulsivo do sujeito, um prazer auto erótico, alheio a um objeto externo em que a dependência de drogas, jogos e outros vícios, seria uma procura compulsiva para não depender do outro, podendo observar que a ansiedade vivida pelo sujeito da contemporaneidade desemboca em adição.

A questão do mal-estar da cultura atual, afirma Costa (2004) tem o narcisismo como mecanismo de defesa, tendo o investimento compulsivo no corpo como forma encontrada pelo sujeito de limitar os efeitos de violência na sociedade de consumo. Essa questão também é trazida por Lazarrini e Viana (2010), que afirmam que o sujeito da contemporaneidade tem sido constantemente estimulado para a busca da perfeição, através do corpo, status, trabalho, moda e estilo de vida.

A questão acima também é corroborada por Birman (2005), ao afirmar que tendo o Eu como posição privilegiada, os destinos do desejo tem uma direção exibicionista e autocentrada, no qual a intersubjetividade encontra-se esvaziada e desinvestida das relações inter-humanas, considerando o outro apenas como objeto.

Ao observar as questões relacionadas com o imediatismo e ausência de renúncias, podemos compreender, assim como afirma Enriquez (1983), a relevância de retornarmos a proibição do incesto no complexo de Édipo, pois essa necessidade de uma instância interditora tem como objetivo impedir a satisfação imediata da pulsão, permitindo uma ligação durável e inevitável do desejo e da lei, no indivíduo e no corpo social;

A questão do Édipo não é mais uma questão colocada no desenvolvimento do psiquismo individual: Ela é a questão decisiva a qual todo corpo social deve responder para alcançar o estado da cultura, isto é, para viver em

relações estabilizadas e simbolizadas. A única resposta possível consiste na edificação de uma proibição, na construção de uma instância repressora. A civilização nasce com e pela repressão (Enriquez 1983, p. 35, 36).

Podemos observar, assim como aponta o autor, a relevância do Supereu, como instância repressora, no qual seja possível o controle das pulsões, fazendo com que o sujeito trabalhe com o tempo, com a adiamento da satisfação, favorecendo a desgenitalização do amor para a criação dos vínculos sociais.

Lazzarini e Viana (2010), também apontam sobre a relevância da intervenção paterna como representante da cultura que possibilitará à criança um amparo como forma de suportar o vazio e ao mesmo tempo preenchendo-o com a sua própria história.

Contudo, podemos observar uma falha na estruturação edípica, pois assim como afirma Freud (1924/2010), a interdição da figura paterna serve como renúncia, porém mostrando para o sujeito outras possibilidades de desejo, surgindo o Supereu como herdeiro do complexo de Édipo. Portanto, conforme aponta Santi (2011), sem essa passagem ao Édipo o sujeito permanece no narcisismo, no qual prevalece o gozo imediato e a angústia diante da insatisfação.

Capítulo 03- Formas de sofrimento

Partindo do princípio de que o sofrimento psíquico muda conforme as exigências culturais, Lash, em sua obra intitulada *A Cultura do Narcisismo* (1983), mostra que, no final do século XX o sujeito buscava uma forma de viver baseada em um imediatismo, através de uma descrença social de futuro, ou por conta de não controle da natureza (tempestades, catástrofes, presságios etc), ou também pelas guerras vivenciadas naquele século.

Com o sentimento de desesperança em pauta, afirma o autor acima citado, que o sujeito do final do século passado buscou focar no autocrescimento psíquico, entrando em contato com seus sentimentos, comendo alimentos saudáveis, e cuidados com o corpo. Contudo, essa auto valorização de si aponta o autor, traz consigo um sentimento de descontinuidade histórica, sem preocupação com a posteridade.

A questão do narcisismo toma-se como foco na obra desse autor, porém antes de continuarmos, torna-se relevante a definição desse conceito por Freud no qual em

seu texto *Introdução ao narcisismo (1914/2010)*, mostra que o narcisismo refere-se a um investimento libidinal para o próprio Eu.

O autor apresenta dois tipos de narcisismo; o primário e secundário. Narcisismo primário representaria de certa forma, uma espécie de onipotência que se cria no encontro entre o narcisismo nascente do bebê e o narcisismo renascente dos pais. Já o narcisismo secundário apresenta dois momentos: primeiro o investimento nos objetos; e depois esse investimento retorna para o Eu. Quando o bebê já é capaz de diferenciar seu próprio corpo do mundo externo, ele identifica suas necessidades a quem o satisfaz; o sujeito concentra em um objeto suas pulsões sexuais parciais, há um investimento objetal, que em geral se dirige para a mãe e o seio como objeto parcial.

Freud (1914/2010), afirma que a criança vai percebendo com o passar do tempo que ela não é o único desejo da mãe, sendo essa sua ferida ao narcisismo primário. Posteriormente o objetivo consistirá em fazer-se amar pelo outro, em agradá-lo para reconquistar esse amor, conforme as exigências do seu ideal do Eu. Esse ideal do eu entendido como substituto do narcisismo perdido na infância e fruto da identificação das figuras parentais. Portanto, o autor mostra que a escolha objetal narcísicas é amar a si mesmo através de semelhante.

Retomando as ideias apresentadas por Lash (1983), o autor mostra que o sujeito narcísico depende do outro apenas para valorizar a sua autoestima, não conseguindo viver sem uma audiência para admirá-lo, sendo reforçado por meios de comunicação de massa, como a mídia, sendo essa diz;

Da substância e, por conseguinte, intensifica os sonhos narcisistas de fama e glória, encoraja o homem comum a identificar-se com as estrelas e a odiar o "rebanho", e torna cada vez mais difícil para ele aceitar a banalidade da existência cotidiana (Lash 1983, p. 43).

Essa questão também é observado por Birman (2001), no qual considera como característica da subjetividade da cultura do narcisismo essa impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença, por não conseguir se descentrar de si mesmo.

Lash (1983), diz que essa desconsideração das pessoas pelo sujeito narcísico, considerando-os apenas como sujeitos de aprovação e admiração, contribui para o sentimento de vazio interior, dizendo;

Perseguido pela ansiedade, pela depressão, por vagos descontentamentos, e por uma sensação de vazio interior, o “homem psicológico” do século XX, não busca nem a transferência espiritual, mas a paz de espírito, sob condições que, cada vez mais, combatem contra ela (Lash 1983, p. 33, 34).

Essa condição afirma Lash (1983), fez com que os sujeitos buscassem a terapia com o objetivo de obter tranquilidade e saúde mental.

A questão acima também é trazida por Santi (2011), no qual aponta sobre a mudança da demanda dos pacientes da clínica na época de Freud para a nossa, no qual sentimento de vazio, tédio e cansaço são as queixas frequentes e que esses pacientes apresentam difícil evolução em seus casos por apresentarem pobreza em estabelecer relações simbólicas em suas vidas, solicitando mais acolhimento do que interpretação.

Lazarrini e Viana (2010), também reforçam essa observação, informando que a questão das queixas aparecem na ordem do desamparo. Informam que os sintomas clássicos da neurose que correspondia a uma sociedade repressora e autoritária da modernidade, passou a dar lugar na contemporaneidade as desordens narcísicas, sofrendo de perturbações vagas, com queixas de incapacidade de sentir as coisas;

Diagnósticos cada vez mais frequentes de depressão, drogadição, anorexia, bulimia e síndromes mais complexas constituem reflexos de uma cultura que passa por momentos de indefinição e mudança com relação a valores sociais rompendo com aspectos que eram considerados primordiais desde tempos anteriores (Lazarrini e Viana 2010, p. 269).

Os autores apontam que a questão acima pode estar relacionada, conforme abordado no capítulo anterior, com uma falha na constituição do eu narcísico, assim como nas instâncias dos ideais de eu, falhando no recalçamento primário por conta de uma insuficiência dos cuidados maternos na primeira infância. Como consequências, diz os autores, que a escolha do objeto estaria baseada numa eleição narcisista, na qual ocorre a identificação, por conta de uma impossibilidade de escolha do objeto externo, elegendo o objeto a partir da imagem e semelhança do próprio eu que se transformou em seu próprio ideal;

Supõe-se que é pela identificação narcisista com o objeto que o investimento libidinal retorna ao eu não se direcionando ao objeto externo como esperado ficando, portanto, estagnado (Lazarrini e Viana 2010, p. 269,270).

Os autores também informam que o modo narcísico de subjetivação proposto na contemporaneidade, no qual está pautado na descontração nos relacionamentos e mudanças de valores conforme apontamos acima, torna como sinais inerentes a essa subjetivação o stress e a depressão, voltada para uma ansiedade e angústia causadas pelo desapego do objeto externo;

A forma mais comumente encontrada é a de tentar banir os afetos humanos básicos como a angústia e a tristeza do luto procurando dispositivos para sedá-los. As drogas, lícitas e ilícitas, ganham espaço e, não é sem razão, que a droga mais difundida na atualidade, para esse propósito, sejam os antidepressivos. As pessoas procuram cada vez mais os consultórios médico-psiquiátricos na busca da solução rápida para aplacar sua dor. Solução indolor, artificial, paliativa. (Lazarrini e Viana 2010, p. 271)

Essa questão também foi levantada por Freud (1930/2010), no qual dizia que diante do sofrimento os sujeitos buscavam o uso dos narcóticos como possibilidade de prazer e amparo.

Lazarrini e Viana (2010) consideram que a condição da subjetividade narcísica desses sujeitos estejam voltadas na vivência do desamparo, pois a busca de um semelhante está mais motivada por uma necessidade de um objeto que proponha suprir as necessidades mais básicas do que aquele objeto do desejo sexual. Por estar o narcisismo relacionado ao momento pré-edípico, os autores apontam que esses sujeitos tem a sobrevivência como lugar mais fundamental no inconsciente do que o conflito edípico.

Essas questões levantadas pelos autores acima, vai de encontro com os estudos de Kehl (2015), ao estudar as depressões como sintoma social da contemporaneidade, a autora traz o recurso do tratamento farmacológico como único modo de enfrentamento da dor de viver e do vazio subjetivo vivido pelos sujeitos depressivos, sendo esse recurso uma proposta pela cultura para readaptação do sujeito diante das exigências sociais atuais.

A autora diz que as depressões da contemporaneidade, incomodam a sociedade, tanto quanto foram as históricas estudadas por Freud no final do século XIX. Digna de incômodo, a depressão remete a expressão de mal-estar, possivelmente ligada a mau adaptação do sujeito ao século da velocidade, exibicionismo e voracidade.

Diante de uma sociedade que promove o imperativo do gozo, através do consumismo, imediatismo, no qual passamos a obrigação de sermos felizes, conforme abordado pelos autores durante os capítulos, mostra conforme aponta Kehl (2015), que a tristeza é vista como uma deformidade, considerada como um defeito moral, fazendo com que a tristeza seja patologizada, no qual o depressivo seja visto como alguém que possui um déficit, necessitando ser medicado, perdendo a importância sobre a dor de viver do sujeito.

A questão do imperativo de gozo proposto pela cultura, conforme aponta a autora, não significa que os sujeitos são independentes da crueldade do Supereu:

A culpa neurótica em relação ao Supereu torna-se ainda mais impagáveis sob tais condições, em que os ideais parecem não exigir das pessoas mais do que a disposição de usufruir dos prazeres do presente, de cultivar o corpo e entregar-se às fantasias associadas aos apelos de consumo. O sujeito culpado não leva em conta, porque não sabe disso, a impossibilidade de responder ao gozo ao qual é convidado ou, do ponto de vista do Supereu, lhe é exigido. O sentimento de insuficiência, o medo de perder o amor dessa instância que representa, no psiquismo, a esperança de recuperar a fatia de narcisismo e a porção de gozo perdidas torna os neuróticos candidatos a depressão (Kehl 2015, p. 95).

Contudo, a autora mostra que a severidade do Supereu continua presente no sujeito depressivo, mas como exigência de gozo e não como restrição libidinal, conforme analisado por Freud na modernidade. Esse imperativo do gozo nas sociedades capitalistas do século XXI, conforme aponta a autora, não exclui a dívida simbólica e nem anula o conflito psíquico, sendo assim, os ideais de felicidade proposto, no qual busca suprir o conflito, constrói uma fantasia de que o sujeito possa identificar consigo mesmo, no qual exclui sua divisão originária.

Kehl (2015), afirma que a medicação surge como contribuição para o apaziguamento do conflito psíquico, agindo no lugar do sujeito, pois sob o efeito da medicação, o sujeito não interroga as possíveis causas de seu mal-estar, não se colocando contra si mesmo, sendo assim torna-se um objeto de seu remédio, formando uma única unidade.

Podemos observar diante do estudo proposto, que os sintomas, estudados por Freud em sua época, hoje mostram-se alterados e que atualmente a depressão apresenta-se como sintoma dominante, atrelado com o desenvolvimento cultural vigente, que atualmente nos faz refletir sobre o caminho que a humanidade está seguindo em seu desenvolvimento cultural.

Considerações finais

O presente trabalho partiu de uma pergunta; os sintomas se transformam durante o processo cultural? Podemos observar que sim.

Foi possível aprender sobre a teoria da cultura em Freud, assim como a cultura do narcisismo até então nunca estudados por mim com profundidade.

O presente trabalho mostrou que os sintomas mudaram conforme o contexto cultural atual, partindo disso, fico instigado em estudar sobre a clínica atual, se ela também mudou, considero que deveríamos prosseguir com essa questão em futuros trabalhos, buscando compreender qual é a demanda da clínica desse mundo.

Referências Bibliográficas

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 5ª. Edição. RJ. Civilização Brasileira, 2005.

CANAVÊZ, Fernanda; HERZOG, Regina. A singularidade do sintoma: por uma crítica psicanalítica à idéia de origem. Psicologia Clínica, v. 19, n. 1, 2007. Disponível: <http://www.redalyc.org/html/2910/291022012008> Acessado em: 20/05/2017.

COSTA, Jurandir Freire. O vestígio e a aura. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ENRIQUEZ, Eugène. Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social. Jorge Zahar, 1999.

FREUD, Sigmund; FLIESS, Wilhelm. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904. Imago, 1986.

FREUD, Sigmund. (1900) A interpretação dos Sonhos. São Paulo: L&PM, 2016.

FREUD, Sigmund. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Obras completas, Volume 06. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

FREUD, Sigmund. (1908) A moral sexual civilizada e a doença nervosa moderna. Obras completas, Volume 08. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

FREUD, Sigmund. (1912-1913) Totem e Tabu. Obras completas, Volume 11. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

FREUD, Sigmund. (1914) Introdução ao narcisismo. Obras completas, Volume 12. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1921) Psicologia das massas e análise do eu. Obras completas, Volume 15. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1923) O Eu e o Super-Eu (ideal de Eu). Obras completas, Volume 16. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1924) A dissolução do complexo de Édipo. Obras completas, Volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1927) O Futuro de uma Ilusão. Obras completas, Volume 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1930) O mal-estar na civilização. Obras completas, Volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KEHL, Maria Rita. O tempo e o cão: a atualidade das depressões. Boitempo Editorial, 2015.

LASCH, Christopher. A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Imago, 1983.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea. *Análise psicológica*, v. 28, n. 2, p. 269-280, 2010. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S087082312010000200003&script=sci_arttext&tlng=en. Acessado em: 10/10/2017.

LEONTIEV, A. O desenvolvimento do psiquismo. São Paulo: Centauro, 2004.

SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. Consumo e desejo na cultura do narcisismo. *Comunicação Mídia e Consumo*, v. 2, n. 5, p. 173-204, 2008.

SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. Desejo e adição nas relações de consumo. São Paulo: Zagodoni, 2011.